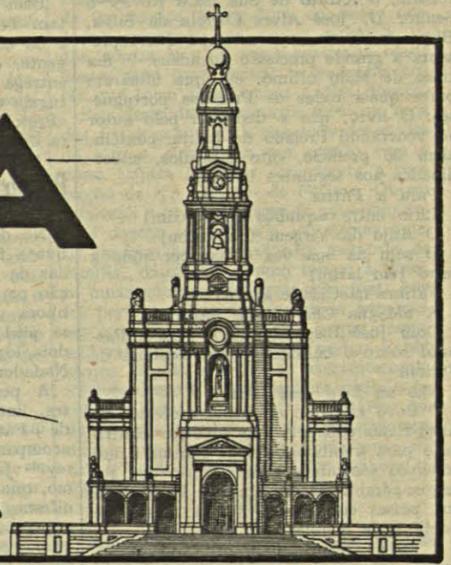


VOZ DA FATIMA



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos || Empresa Editora: Tip. "União Gráfica" T. do Despacho, 16-Lisboa || Administrador: P. António dos Reis || Redacção e Administração: "Seminário de Leiria"

Fátima - Consolação dos que creem e lenitivo dos que sofrem.

A procissão das velas

Favorecida por um tempo esplêndido, em que o azul do céu, puríssimo e sem nuvens, se casava harmoniosamente com a amenidade da temperatura e com a serenidade da atmosfera, apenas perturbada por uma ligeira brisa, a procissão das velas desenrolou-se através das longas avenidas da Cova da Iria, constituindo com os seus milhares de lumes, uma apoteose entusiástica, imponente e formidável, à gloriosa e bendita Rainha do Santíssimo Rosário.

Milhares de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades e condições sociais tomaram parte nesse assombroso cortejo, rezando e cantando, em homenagem à augusta Mãe de Deus, que, em nossos dias, tão misericordiosamente se dignou manifestar o seu amor à nossa Pátria, agora mais do que nunca, terra de Santa Maria.

Antes de se pôr em marcha, a imensa mole de povo, que estacionava no local das aparições, a uma ordem do capelão-director dos servitas transmitida pelos megafónios, aglomerou-se em frente do pavilhão dos doentes e recitou com fervor o terço do Rosário. No fim da procissão, tornou a reunir-se no mesmo local onde cantou em unísono o *Credo*, como protesto veemente da sua fé contra as blasfémias soezes da impiedade e as negações gratuitas e impotentes da descrença. Durante a tarde, visitou o Santuário, tendo assistido também à procissão das velas, o ilustre Ministro da Marinha, sr. comandante Magalhães Correia.

As peregrinações

Entre as peregrinações que se incorporaram na procissão das velas, merecem ser postas em especial destaque a de Belém, Lisboa, com 56 pessoas, dirigida pelos rev.ºs Mons. Gonçalo Domingos Nogueira e Domingos Bernardino Videira, a do Porto, com 200 pessoas, sob a direcção dos rev.ºs Matos Soares e Abade de Bomfim, a de Setúbal, com 200 pessoas, presidida pelo vigário da vara, rev.º Francisco Carlos Nunes, a de Gouxaria (Alcanede), com 130 pessoas, a de Rio de Couros, com 75 pessoas, sob as ordens do rev.º António Ferreira e a de Águeda, organizada e dirigida pelo rev.º José Bernardino dos Santos e Silva, com 70 pessoas, e composta, na sua grande maioria, de operários de fábricas.

A peregrinação de Gonçaria foi promovida pela Pia União de Nossa Senhora de Fátima, instalada na freguesia e levava um guião e dois lindos e vistosos estandartes.

Os peregrinos de Rio de Couros fizeram a viagem a pé num percurso de mais de quatro léguas, tendo-se todos confessado na saída da freguesia e comungado na Cova da Iria.

A adoração nocturna

Depois do sol posto, a temperatura do ar ambiente na Cova da Iria desceu consideravelmente e mais ainda às primeiras horas da madrugada. Por esse motivo a assistência aos actos religiosos nocturnos representava um penoso sacrificio para os peregrinos, mesmo para aqueles que tinham conseguido instalar-se, aliás bem pouco comodamente, no pavilhão dos doentes.

A adoração nacional, que durou da meia-noite até às duas horas, foi presidida pelo rev.º dr. Manuel Marques dos Santos, que rezou o terço do Rosário, alternadamente com o povo. Nos intervalos das dezenas, o rev.º José Lourenço dos Santos Palrinhas, pároco da Figueira da Foz, explicou os mistérios gozosos, fazendo reflexões e exortações apropriadas sobre o cumprimento dos próprios deveres, a fuga do pecado e o exercício das virtudes cristãs.

As práticas durante a adoração nacional

Os megafónios, que funcionavam a primor, transmitiam a todos os recantos do local das aparições a voz clara e bem timbrada do distinto orador, que por vezes fustigava severamente as atitudes dúbias e os actos incoerentes de tantos e tantos que se prezam de bons católicos em face dos princípios doutrinais que professam e da orientação e das directrices da autoridade eclesiástica, cujo poder reconhecem como legítimo e competente. Em seguida à adoração nacional, as diversas peregrinações organiza-

DOM NUNO ALVARES

(Camões — Lus. canto IV est. XIV)

Reprovando as vontades inconstantes, Aquelas duvidosas gentes disse, Com palavras mais duras que elegantes, A mão na espada, trado e não facundo, Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

«Como? da gente ilustre Portuguesa Ha-de haver quem refuse o pátrio Marte? Como, desta provincia, que princeza Foi das gentes na guerra em toda a parte, Há-de sair quem negue ter dejesa, Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte De Português, e por nenhum respeito O próprio reino queira ver sujeito?

Como? Não sois vós inda os descendentes Daquelle, que debaixo da bandeira De grande Henriques, ferós e valentes, Venceram esta gente tão querreira? Quando tantas bandeiras, tantas gentes Puseram em fugida, de maneira Que sete ilustres Condes lhe trouzeram Presos, agora a presa que tiveram?

E se com isto enfim vos não moverdes De penetrante medo que tomastes, Atai as mãos a vosso vão receio Que eu só, resistirei ao fugo alheio,

Eu só com meus vassallos, e com esta (E dizendo isto arranca mela espada)

Defenderei da força dura e infesta A terra nunca de outrem subjugada; Em virtude do Rei, da pátria mestra, Da lealdade, já por vós negada, Vencerei, não só estes adversários, Mas quantos a meu Rei forem contrários.»

(então) E as mãs que o som terrível escutaram, Aos peitos os fulhinhos apertaram.

(Ele disse) «Ó fortes companheiros, ó subidos Cavaleiros, a quem nenhum se iguala, Defendei vossas terras; que a esperança De liberdade está na vossa lança.



A estátua do Beato Nuno de Santa Maria que será inaugurada no mosteiro da Batalha no dia 14 de agosto de 1931

A estátua representa Nun'Alvares discursando ao exército português onde muitos havia tranzidos de medo à vista da multidão dos inimigos.

das, que estavam presentes, reuniram-se em grupos para fazerem as demais horas da adoração. Entretanto os altares e as suas imediações começavam a ser ocupados pelos sacerdotes que celebravam missa ou aguardavam a sua vez de a celebrarem.

A multidão era menos compacta que no dia treze de Junho. A pesar-disso, as confissões foram numerosíssimas, durando toda a noite as dos homens, e o Pão dos Anjos foi distribuído a muitos milhares de fiéis, devidamente preparados.

As procissões, a missa e a bênção dos doentes

Pouco depois do meio-dia solar, realizou-se a primeira procissão com a Estátua de Nossa Senhora de Fátima, a que se seguiu a missa dos doentes.

Acolitaram a esta missa dois servitas de elevada categoria social.

Em frente do altar, deitados em macas ou sentados em bancos, estavam os doentes, que previamente se haviam inscrito no registo do Posto da verificações médicas e que eram aproximadamente cento e cinquenta.

Ao Evangelho o rev.º Palrinhas fez a respectiva homilia, que durou vinte e cinco minutos.

Depois da missa, rezou-se o terço e deu-se a bênção com o Santíssimo Sacramento, primeiro a cada um dos doentes e depois a todos os fiéis. Por fim encerraram-se os actos religiosos oficiais com a procissão do adeus, que reconduziu a Estátua de Nossa Senhora de Fátima à capela das aparições.

Assim concluiu, em Fátima, que é sem contestação a Lourdes Portuguesa, mais um dia de glória para Deus, de alegria para a Santa Igreja e de graças e bênçãos para tantas almas!

Um peregrino alemão

Entre os peregrinos estrangeiros, que no dia treze de Julho acorreram a Fátima, para assistir às imponentes manifestações de fé e piedade de que é teatro a Lourdes Portuguesa, merece especial referência um ilustre sábio alemão, que veio de-certo atraído pela propaganda intensa de Fátima que tem sido feita em todos os países de língua alemã pelo dr. Ludwig Fischer, lente de ciências históricas na Universidade de Bamberg. Esse sábio alemão é o dr. Josef Sommer, de Hamburgo, lente do Instituto Superior do Comércio daquela grande cidade da Prússia oriental.

O ilustre peregrino não ocultava a admiração de que se achava possuído perante a série magnífica de espectáculos empolgantes que tivera a ventura de presenciar e que excederam sobremaneira a sua ansiosa expectativa, assim como a intensa e funda comoção que o dominava, fazendo vibrar as cordas mais íntimas e mais delicadas da sua alma.

Que a augusta Virgem do Rosário se digne acumular das suas melhores graças e bênçãos o estrangeiro ilustre, que de tam longe veio venerá-la no Santuário de Fátima, durante a longa viagem de regresso às regiões setentrionais da Europa onde habita, para lá ser uma testemunha entusiástica das suas maravilhas divinas e um apóstolo ardente das suas glórias incomparáveis.

Um novo livro do dr. Luís Fischer

O grande apóstolo da Lourdes Portuguesa nos países de língua alemã — o rev. dr. Luís Fischer, professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Bamberg (Baviera), — acaba de trazer à luz da publicidade mais um livro da sua autoria. É uma primorosa e rica brochura, edição da Fátima — Verlag, ultimamente fundada por iniciativa do distinto professor naquela cidade, e que honra sobremaneira a casa editora, pela perfeição técnica com que foi executada. O seu título é «Fátima im Lichte der Kirchlichen Autorität», que quer dizer, na tradução portuguesa, «Fátima à luz da autoridade eclesiástica». De grande formato e nítida impressão e em óptimo papel, consta de oitenta e duas páginas e é ilustrado com magníficas gravuras de página, entre as quais a da capa, que reproduz a cores a scena inefável das aparições, a fotografia da Imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na capela do Colégio Português, em Roma, e que é obra do escultor Tedim, de S. Mamede do Co-

ronado, o retrato de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, e a estampa que representa a grande procissão do adeus do dia treze de Maio último, em que tomaram parte quasi todos os Prelados portugueses. O livro, que é dedicado pelo autor ao venerando Prelado de Leiria, contém, além do prefácio, oito capítulos, subordinados aos seguintes títulos:

Para a Pátria
Lírio entre espinhos (em latim)
O Anjo da Virgem (em latim)
O som da sua voz ecoou por toda a terra (em latim)
Fátima na Cidade Eterna
A «Magna Charta» de Fátima
Dom José Bispo de Leiria—Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima

Não sei falar (em latim)
O novo trabalho do sábio professor de Além-Reno constituiu um precioso contributo para a bibliografia de Fátima e um poderoso instrumento de difusão dos sucessos admiráveis da Lourdes Portuguesa nos países em que se fala a língua de Goethe e de Schiller.

É essencialmente uma obra de propaganda, que encerra um breve resumo da história das aparições, põe em justo relevo a múltipla e assombrosa actividade do «Anjo da diocese de Leiria» em prol de Fátima, insere na íntegra a Carta Pastoral «A Providência Divina» sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima, refere as visitas de numerosos Prelados e outros personagens ilustres à Cova da Iria, expõe episódios interessantíssimos sucedidos em Roma e relacionados com a Lourdes Portuguesa e finalmente descreve com as cores mais vivas e mais impressionantes as scena paradisíacas que se desenrolaram no local das aparições no dia treze de Maio último.

Bem haja o grande historiador alemão, tam benemerito da Igreja, de Portugal e da causa de Fátima, pelo amor inteligente, dedicado e indefesso, com que se entrega à propaganda da «Pérola de Portugal» e que justamente o consagra como «Príncipe dos Apóstolos de Nossa Senhora de Fátima»

Peregrinação de Serra do Bouro (1)

No dia treze de Junho último, a pequena freguesia de Serra do Bouro (Caldas da Rainha) efectuou a sua peregrinação parouquial ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima. Tomaram parte nessa piedosa romagem setenta pessoas dos dois logares, que formam as freguesias: Nadadouro e Foz.

A peregrinação levava dois estandartes, lindos e vistosos, de Nossa Senhora de Fátima, um de cada logar, e era acompanhada pelos seu zeloso pároco, rev.º João Henrique dos Santos Veríssimo, que promoveu e dirigiu tão bela manifestação de fé e piedade. Todos os peregrinos se prepararam para a peregrinação, confessando-se previamente, na igreja da sua freguesia, e todos comungaram no dia treze no Santuário de Fátima.

Visconde de Montelo

(1) Pede-se a todos os sacerdotes directores de peregrinações a fineza de comunicarem por escrito a «Voz da Fátima», o mais tarde até ao dia quinze do respectivo mês, todas as noticias que julgarem interessantes relativas a essas peregrinações, para que delas se possa fazer o devido relato no órgão oficial do Santuário. Assim o exigem a glória de Deus, a honra da Santíssima Virgem e o bem das almas, para quem tais relatos são doce conforto, poderoso estímulo e justo motivo de edificação.

CENTENÁRIO DO BEATO NUNO DE SANTA MARIA

O Beato Nuno de Santa Maria cujo centenário passa este ano é incontestavelmente uma estrela de primeira grandeza no céu puríssimo da religião e da história portuguesa.

A sua crença viva pode resumir-se na linda estância que Camões põe na boca de Vasco da Gama:

«A Lei tenho d'Aquela, a cujo império Obedece o visível e o invisível; Aquela que criou todo o hemisfério, Tudo o que sente, e todo o insensível; Que padeceu desonra e vitupério; Sofrendo morte injusta e insuportável; E que do Céu à terra enfim desceu, Por subir os mortais da terra ao Céu»;

(Lusiadas Cant. I. est. 65).

A pátria sacrificou tudo — a família, os haveres a vida que tantas vezes expôs aos golpes dos inimigos.

A mãe de Nun'Alvares temendo pela sorte deste filho, aceita da parte do rei de Castela o encargo de lhe oferecer o condado de Vialba e outras terras e rendas para abandonar o partido nacional e passar para o estrangeiro. A esta pergunta responde o Beato Nuno:

«Deus não queira que por dádivas e longas promessas eu vá contra a terra que me criou. Por ela darei os meus dias e derramarei o meu sangue».

Estas palavras calaram tão fundo no coração da Mãe que, não satisfeita com aprovar o procedimento do filho, ainda alistou o outro, chamado Fernando, no exército português.

A fé e ao esforço de Nun'Alvares devemos a nossa independência.

As hostes de Castela tinham invadido Portugal, país pequeno, pobre, sem exército e cujos principais chefes tinham ido engrassar as forças inimigas.

Como uma torrente que tudo leva diante de si, assim os castelhanos invadiram a Beira e, caminhando ao longo do vale do Mondego, apoderaram-se de Coimbra para se dirigirem a Lisboa.

Contra a opinião de todos, Nun'Alvares, então de 25 anos apenas, resolve pôr um dique à invasão.

Reúne um pequeno número de homens no Alentejo e vem a Tomar onde espera o rei com os elementos que conseguira recrutar no norte.

Nun'Alvares não perde um momento. De Tomar passa a Ourém e de dali a Porto de Mós para cortar o passo ao exército invasor.

Entretanto, os castelhanos passando por Soure e Pombal, invadem Leiria.

Temendo que o inimigo lhe fuja, transfere o seu arraial para as proximidades da Aljubarrota, na cumeada onde está a Capela de S. Jorge.

Aí passou a noite de 13 para 14 de Agosto de 1385 em oração com os seus companheiros de armas. Pela manhã receberam a Sagrada Comunhão e esperaram em jejum até à tarde. Eram ao todo uns seis mil e quinhentos homens.

O exército de Castela, que abandonara Leiria, seguia o caminho de Lisboa e compunha-se de uns trinta e dois mil homens bem apetrechados, contando a flor dos cavaleiros espanhóis e muitos de origem portuguesa.

Em condições tão diversas travou-se o combate entre os dois exércitos. A batalha durou pouco mais de meia hora.

O exército espanhol foi desbaratado, abandonando na fuga um rico espólio de que se guardam ainda hoje algumas preciosidades nas igrejas e museus.

Em reconhecimento à protecção de Deus por tão assinalada vitória, todas as Sées catedrais portuguesas foram dedicadas à Virgem Santíssima no mistério da sua Assunção gloriosa, e D. João I mandou construir o mosteiro da Batalha que é o mais formoso monumento de Portugal e um dos mais belos do mundo.

Por seu turno, o Santo Condestável quiz assinalar o lugar onde durante a batalha tremulou a bandeira portuguesa, erijindo a capelinha de S. Jorge que, pobre como Portugal, se conserva através dos séculos a atestar a fé dos gloriosos combatentes de Aljubarrota.

Ainda em comemoração da mesma batalha, o Beato Nuno mandou construir, no condado de Ourém, a igreja de Santa Maria de Ceissa que conserva ainda hoje traços de edificação primitiva.

Fé do Beato Nuno

A fé de Nun'Alvares era a chama de que se alimentava a sua dedicação patriótica — a alma da sua alma.

Antes de principiar a batalha dos Atoleiros, todo o exército — com o Condestável à frente — se pôs em

oração, e, depois da vitória, fez construir a Igreja de Santa Maria de Armamar.

Em Valverde, em pleno território inimigo, é o exército português atacado por forças espanholas muito superiores.

Começa o combate muito cedo, apenas bruxuleava a aurora.

Mesmo nesse momento crítico o nosso Bem-aventurado não omite oração. E de joelhos, diante da sua espada em cruz, onde estava gravado o nome de Maria Santíssima e junto à bandeira com as insígnias do Carmelo, Nun'Alvares ofereceu a Deus o seu coração e o mosteiro do Carmo que depois fez construir em Lisboa com a igreja magnífica hoje em ruínas.

Devoção à S. Eucaristia

Era muito devoto da Sagrada Eucaristia.

Ocorrendo o dia do Corpo de Deus quando estava em batalha, mesmo à vista do inimigo, não deixava de celebrar esta solenidade.

Ouvia duas e três Missas por dia às quais não se dignava de ajudar.

Comungava frequentemente e aos que estranhavam a frequência com que recebia Nosso Senhor, respondia: «Que se alguém o quizesse ver vencido, pertendesse afastá-lo daquela Sagrada Mesa, em que Deus se dá em manjar aos homens, porque dela lhe resultava todo o esforço, e fortaleza com que vencia e debelava os seus contrários».

«Para que o S. Sacramento estivesse com a devida decência nos templos de que era donatário dava particulares esmolas para cálices, custódias e paramentos», alguns dos quais ainda se conservam hoje.

Tinha uma particular devoção a Nossa Senhora. Do acteto, da exímia piedade, diz o decreto da Confirmação de seu culto, com que amava a Santíssima Virgem são esplêndidos documentos e provas, a imagem da mesma Beatíssima Virgem que auspiciosamente trazia pintada nos estandartes militares; seis templos, dos sete por ele erguidos, consagrados à Virgem Mãe de Deus, as missas que perpetuamente se deviam celebrar nos altares-móres desses templos, e os jejuns rigorosos por Nuno fielmente observados nos sábados do ano e nas vigílias das festas de Maria, ainda quando destinados a combate».

Amor à pureza

O seu amor à santa virtude da pureza é outra característica do Beato Nuno.

Não só a praticava com entranhada affecto como não consentia a licenciosidade de costumes nos seus soldados expulsando as mulheres de mau proceder e tratando com decore e respeito as dos vencidos.

Usava dizer aos seus companheiros de armas. «Que tanto teriam de vitoriosos como de honestos; e o Capitão que não amava esta angélica virtude, entrava na batalha meio vencido».

Exemplo bem a considerar por tantos de nossos contemporâneos que fazem dos prazeres, mesmo os mais grosseiros, o único fim da sua vida! São desgraçados que aos 20 anos estão gastos pelo vício!...

Como devem meditar no respeito com que o grande Capitão português cercava as mulheres, tantas que no nosso tempo ostentam mesmo publicamente modas impudicas e uma nudez que parece venal!...

Caridade

Dentre as outras virtudes que esmaltavam o coração do Beato Nuno, não devemos esquecer a sua caridade, o amor do próximo.

Quando alcançava alguma vitória, tirava logo do espólio a décima parte para os pobres.

Todos os anos vestia os nus. Nun-

ca vendeu trigo que os seus imensos domínios produziam. Dava tudo. Em anos de fome estendia a sua caridade até aos inimigos reconhecendo que todos somos filhos do mesmo Deus.

Seguindo o conselho do Divino Mestre auxiliava a ocultas principalmente a pessoas horadas e nobres que tinham caído em miséria.

Dizia muitas vezes: «os pobres são os cofres dos ricos e que com nenhuma outra coisa se grangeia melhor a misericórdia divina que com a virtude da esmola».

Distribuiu pela filha e pelos companheiros de armas todos os seus haveres, e, não tendo mais que dar, entrou como humilde donato para o convento do Carmo, de Lisboa, ainda em pleno vigor da vida.

E então Nun'Alvares que tinha subido às culminâncias das honras, das grandezas e das opulências, êle que era o immediato do rei, o Condestável do exército vitorioso, Conde de Ourém, de Barcelos, de Arraiolos, percorria as ruas de Lisboa estendendo a mão à caridade pública para socorrer os pobrezinhos de quem era uma verdadeira providência.

Sua morte Santa

Tal vida, tal fim, e, por isso, a morte do Beato Nuno de Santa Maria foi preciosa na presença de Deus.

Transcrevemos o decreto da sua beatificação. «Vividos cerca de dez anos de vida conventual, sentindo vizinha a morte, preparou-se com mais frequentes actos de virtude para a derradeira hora. Chegando o dia do falecimento, depois de feita a profissão de fé ortodoxa recebeu com grande devoção o S. S. Viático e a seguir a Extrema-Unção. Assim confortado e fortalecido, tendo na mão esquerda a vela benta e na direita o Crucifixo, que devotamente fitava e beijava, enquanto um religioso lhe lia a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. João, às palavras: *Eis ai a tua Mãe*, rendeu o espírito a Deus».

O Santuário da Fátima associa-se com todo o entusiasmo às festas comemorativas do centenário da morte do Beato Nuno não só porque foi um grande devoto de Nossa Senhora e este Santuário está situado no Condado de Ourém que pretencia a Nun'Alvares, mas também, porque no centro de Portugal, faz suas as grandes glórias nacionais.

Graças de N.ª S.ª de Fátima

Coxalgia

António Nazaré de Castro Pinto, envia o seguinte atestado médico comprovativo da cura da doença a que o mesmo se refere, cura que attribue em grande parte à intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

ATESTADO

Eu, José Mendes Moreira, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, atesto pela minha honra que tratei duma coxalgia (direita) o pequeno António de Nazaré, digo, António Nazaré de Castro Pinto, de 7 anos de idade, filho do Sr. Arlindo da Costa Pinto, da Freguesia de Castelões de Cepeda, Concelho de Paredes, Distrito do Porto.

Pode-se considerar clinicamente curado e talvez sobrenaturalmente, tão rápidas e completas foram as melhoras que experimentou, não obstante os prognósticos reservados que vários clínicos de nomeada fizeram.

Paredes, 10 de Março de 1931.

José Mendes Moreira

(Segus o reconhecimento)

Pulmonia

Ana Augusta de Castro Mata, de Lisboa, achou-se gravemente enferma com uma pulmonia (a 3.ª que teve)

Rodeada de 4 filhos menores, e com o seu infeliz marido com uma doença incurável, sem poder tomar conta dos filhos, nesta conjuntura afletiva prestes a morrer, implorou a Virgem da Fátima com fé sincera e fervorosa confiança pedindo-lhe que se dignasse conceder-lhe a continuação da

vida para amparo de seus filhinhos. A febre que até ali por vezes se elevava acima de 40 graus, baixou agora rapidamente e dentro em pouco a doente estava restabelecida. Considerando que o que se passou fôra um favor de Nossa Senhora de Fátima vem aqui agradecer à sua celeste Benfeitora.

Ana Augusta de Castro Mata.

Paralisia

Manuel de Araujo, guarda-fiscal, de S. Pedro da Torre, quando estava em serviço no quartel deu-lhe um ataque que lhe paralizou todo o corpo. Esteve 24 horas sem dar acordo de si. Chamou-se o médico que lhe receitou alguns medicamentos, sem resultado, repetindo-se o ataque 2.ª, 3.ª e 4.ª vez. Sua esposa vendo seu marido sem esperanças de melhorar, à meia noite em ponto lembrou-se de Nossa Senhora da Fátima a quem pediu com muitas lágrimas que o salvasse.

Fez-lhe o mesmo pedido duas noites seguidas e ao fim das duas noites fez à Virgem Santíssima uma promessa.

Desde esse momento, seu esposo começou a sentir melhoras consideráveis encontrando-se hoje completamente bem. Por este motivo vem cumprir a promessa que fez à Virgem Santíssima a quem jamais poderá esquecer.

Dór ciática

Permita que venha cumprir o sagrado dever de publicar mais uma grande graça que a Virgem da Fátima acaba de conceder na freguesia do Sobral.

Tendo sofrido duma terrível dór ciática já desde um mês inteiro, mandei chamar o médico do meu concelho por várias vezes, mas não foi possível acertar com algum medicamento que me abrandasse a dór. Tão aflita me vi que resolveram mandar-me para Coimbra a fim de me aplicarem um aparelho de gesso para levar a perna ao seu lugar porque com a violência da dór a perna tinha descido seis centímetros. Fui aos especialistas de Coimbra mas o meu padecimento agravou-se ainda mais. Voltei para minha casa desenganado. Ao chegar lá aproximaram-se logo de mim os meus seis filhinhos, mas eu, pensando que por breves dias os deixaria orfãos só chorava diante deles. O meu estado era gravíssimo. Na cama nem podia voltar-me sem auxílio de alguém que me voltasse a perna; enfim, ninguém me julgava viva, mas como o poder de Nossa Senhora é grande, recorri a ela a procurar nova medicina.

Comecei a rezar o meu terço todos os dias, confessava-me e comungava todos os dias 13 de cada mês, e, graças a Nossa Senhora, de dia para dia as minhas melhoras eram mais sensíveis. Comecei a andar de mulétas. Desde então minha mulher pediu com fé mais viva à Mãe dos aflitos e prometeu que iríamos visitá-la a Fátima logo que eu tivesse a saúde suficiente para isso. Em outubro lá fomos. Para lá fui a cavalo, mas para aqui percorri todo o caminho a pé sem grande dificuldade! Hoje, graças à Virgem Santíssima, trabalho como se nada tivesse tido, e por isso, sempre que me seja possível, irei a Fátima agradecer a tão boa Mãe o grande favor que me fez.

Sobral de Mortágua.

Joaquim Martins.

Doença grave

Joaquim Gaspar, de S. Martinho de Arvore, diz o seguinte: encontrando-me com uma doença muito grave, recorri aos socorros médicos, mas o mal longe de diminuir aumentava cada vez mais. No dia 7 de Agosto encontrei-me de tal modo que perdi por completo as esperanças de cura, já não falava, dizem, e não tinha conhecimento algum de qualquer coisa deste mundo. Já nada podia tomar de maneira que a cada passo se esperava um desenlace fatal. Todas as pessoas amigas que me assistiam, todas diziam que o eu ter escapado fora milagre de Nossa Senhora. Com effeito, minha esposa e meus filhos, ajoelhados pediam com grande fé a Nossa Senhora de Fátima que me valesse prometendo-lhe a minha corrente de ouro e uma esmola em dinheiro, conforme lhe fosse possível, esmolas que lhe haveríamos de ir levar a Fátima logo que eu o pudesse fazer.

Louvôres a Deus, em boa hora ela pediu, pois que, dizem, daí a 5 minutos seu marido começou a falar e daí em diante suas melhoras aumentaram consideravelmente dia para dia.

Intercolite

Peço me conceda um cantinho da Voz da Fátima, para que todos os seus leitores fiquem conhecendo uma graça, que Nossa Senhora me concedeu, e que é mais uma a juntar a tantas outras, que têm sido concedidas, aos devotos que com fé a invocam.

Sofria há muitos anos de uma intercolite, com perturbações renais. Como consequência da minha doença andava muito fraca, e não podia trabalhar.

Consultei 3 médicos, e todos classificaram a minha doença de intercolite crónica, não me dando portanto a menor esperança de cura.

O meu estado de fraquesa chegou a tal ponto, que era para mim um enorme sacrificio ir ao consultório medico, a pouco mais de um quilometro de minha casa.

Recorri então, cheia de fé, e com toda a devoção à Virgem Santíssima da Fátima, e, foram tão rápidas as minhas melhoras, que pude fazer a pé, e sem a menor dificuldade, o trajecto de Leiria a Fátima, e de Fátima a Leiria. De então para cá; maio de 1929, não tornei a sentir a menor perturbação, estando agora convencida da minha completa cura.

Volto lá novamente no próximo dia 13 para cumprir a minha promessa em acção de graças a Nossa Senhora.

Aradas, (Aveiro).

Maria Rosa Dias da Conceição

Doença nervosa

Cheia de gratidão para com a Mãe de Deus Maria Santíssima, venho cumprir parte da minha promessa tornando público mais uma das inúmeras graças que Nossa Senhora da Fátima se dignou conceder, como tantas que tem concedido a todos aqueles que recorrem à sua protecção com verdadeira fé, com a certeza que, pedindo-Lhe, serão atendidos.

Há perto de 4 anos sofri de uma doença nervosa, que me levou a um estado de abatimento que me julgaram perdida, — cheguei a receber Nosso Senhor como sagrado viático. Tendo sido tratada por vários médicos entre eles os Ex.ªs Drs. Simões Alves, Sobral Cid, João Faria e Virgílio Paula, que depois de algumas conferências, todos foram de opinião que minha doença era incurável, resolvi recorrer a Nossa Senhora da Fátima, pondo de parte todos os medicamentos para os substituir pela sua bendita água, fiz uma novena, e após as minhas súplicas obtive a saúde que julguei para sempre perdida, grandiosa graça que eternamente fica devendo uma humilde serva de nosso Senhor Jesus Cristo, à sua Mãe Amantíssima que jámais é invocada em vão.

Bem-dita, para sempre seja bem-dita; a carinhosa mãe de Deus e minha digníssima protectora.

Lisboa

Josefa Domingues de Fraga

Doença na pele

Engracia de Jesus Tavares, casada, de 59 anos de idade do Pinheiro da Bemposta, sofria há 36 anos de doença na pele causada por um resfriamento.

Durante muito tempo foi tratada por vários médicos sem resultado. Nas Caldas de S. Jorge onde esteve por muitas vezes sentia algum alívio, mas no principio da primavera voltava a agravar-se o mal. Tendo piorado bastante há 4 anos voltou-se para a Virgem Santíssima a quem supplicou a graça da sua cura não tanto para deixar de sofrer como para não causar repugnância às pessoas com quem convivia e como uma senhora amiga lhe ofereceu um pouco de água da Fátima bebeu algumas gotas e aplicou o resto em loções sentindo-se curada rapidamente. No ano seguinte apareceram-lhe sintomas da mesma doença e então prometeu ir em peregrinação agradecer a sua cura a Nossa Senhora da Fátima e comungar no local bendito onde a boa Mãe se dignou visitar os 3 pastorinhos e ainda publicar esta graça para maior honra e glória sua.

Depois desta promessa ficou completamente livre deste padecimento e há 3 anos não tornou a sentir o mais ligeiro incómodo pelo que pede se digno por intermédio do seu jornal publicar esta graça que Deus lhe concedeu por intercessão de sua Mãe Santíssima.

Infeção grave

Venho pedir se digno publicar a graça alcançada por intermédio de Nossa Senhora da Fátima e que passo a expor: Em outubro de 1929, Jerónimo Mendes Basto, de 52 anos, de Portimão, devido a uma injeção que lhe deram numa coxa, ou porque a injeção estivesse estragada, ou porque o seu corpo não podesse recebê-la resultou uma infeção grave, que teve de ser lancetada em onze partes, falando-se que estava completamente perdido, e esperando a todo o momento uma triste deslance. Fizeram-se várias conferências, e durante cinco meses que esteve de cama, num sofrimento doloroso, foi tratado por três médicos distintos.

A todo o momento desenganavam meu marido, sendo o seu estado cada vez mais desesperado. Como é de calcular perdida de dor, chorei abundantes e amargas lágrimas, e sem esperanças na medicina, visto os próprios médicos me dizerem que já nada podiam fazer, recorri à SS.ª Virgem da Fátima, a quem fiz várias novenas, bem assim a Santa Rita de Cássia. Todas as noites, e a todo o momento eu pedia ao maior tesouro que possuo em minha casa, que é a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que me fizesse a graça de o curar, para irmos a Fátima.

Fui ouvida nas minhas súplicas, e convencida que foi uma verdadeira graça do Céu, a-pesar-de ainda hoje fazer-lhe o

penso, porque tem uma ferida por fechar, já fomos a Fátima o ano passado agradecer a Nossa Senhora. Prometi dar publicidade a esta graça o que hoje faço.

Maria da Conceição Rocha Basto

Prof. Oficial em Portimão

Dór ciática

Palmira Maria atacada de dor ciática que a prostrou no leito, fez uso de alguns medicamentos receitados pelo seu médico Dr. Fernando da Cunha, mas, sem resultado. Receitou-lhe depois, pontas de fôgo, que já não utilizou porque, começando uma Novena a N. Senhora de Fátima e tomando a água milagrosa achou-se curada, e no seu estado normal.

Agradece humildemente a N. Senhora, tão grande graça que lhe alcançou. Odivelas.

Duas curas e um pedido

Uma Anónima agradece do coração uma cura que o seu médico Dr. Fernando da Cunha julgou impossível; e outra cura na pessoa de sua filha que foi vítima dum entorço num braço e que, applicando com muita fé a água de N. Senhora sentiu-se, na manhã seguinte, repentinamente curada. Dá publico testemunho conforme prometeu, para glória de N. Senhora e pede às boas almas uma prece pela conversão de seu marido.

Agradecem graças a Nossa Senhora as pessoas seguintes:

Maria Preciosa dos Reis—Amoreira—Fátima, a cura de uma febre intestinal de que estava atacadíssima. Há dias que estava quasi como morta. Recebera os Sacramentos e recebera a última visita do médico que, convencido de que estava perdida, já nada lhe mandou fazer.

Por fim unidos em oração a Nossa Senhora, seus Pais e vizinhos obtiveram a sua cura.

A mesma criatura havia já recebido outro favor de Nossa Senhora, a cura de seu solho de que sofreu muito chegando a estar quasi sem poder ver.

—Maria Soeiro Paiva, agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado umas feridas que há muito tempo a atormentavam, mediante lavagens com água de Nossa Senhora, uma missa na Cova da Iria e a publicação da graça se fôsse alcançada.

—Maria dos Remédios, agradece diversas graças alcançadas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

—A directora do Colégio «Sacré Cœur de Marie» de Minas Gerais—Brasil, agradece a Nossa Senhora da Fátima o restabelecimento de sua saúde e o ter vindo em seu auxilio em Outubro do ano passado, conseguindo levar a cabo um «desideratum» de grande importância para o Colégio. Envia por este motivo 100\$00 para as obras do Santuário.

—Amélia Ferreira Peixoto, de Leça da Palmeira agradece a Nossa Senhora o ter-lhe curado uma doença grave enfermidade.

—Maria da Anunciação, de Midões, agradece a Nossa Senhora a cura de uma ferida agravada num dos seus pés. Chegou a perder toda a possibilidade de mover a perna, dificuldade que desapareceu depois que pediu a Nossa Senhora da Fátima a cura e prometeu agradecer-lhe publicamente na Voz da Fátima e particularmente na Cova da Iria onde havia de ir em peregrinação.

—Joaquim Pinto da Rocha e sua irmã Luiza, de Viana do Castelo, agradecem diversas graças concedidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

—Filomena Maria Martins, da Benedita, tendo sido desenganada pelos médicos que julgaram incurável uma doença que a atormentava, pediu a Nossa Senhora que lhe alcançasse a saúde que queria empregar servindo a Deus num estado mais perfeito, e agora gosa de boa saúde.

Várias graças

Tomo a liberdade de dirigir-me hoje a Vossa Rev.ª relatando-lhe diversas graças obtidas pela intercessão da Santíssima Virgem da Fátima.

Em 13 de Maio de 1929 fui visitar a N. boa Mãe ao Seu Santuário na Cova da Iria. Não sei descrever-lhe a comção que senti nesse logar abençoado; apenas possa dizer-lhe que a SS.ª Virgem me curou dos meus padecimentos; — insomnias e nevralgias na cabeça quasi constantes. Trouxe algumas medalhinhas tocadas na sua linda e milagrosa Imagem, medalhas que ofereci a pessoas amigas e a doentes. Uma sarou duma grave doença, outra, melhorou consideravelmente.

Uma outra graça obtida no dia 13 deste mês, veio decidir-me a dirigir-me a V. Rev.ª.

O último caso foi o seguinte: tendo Fernanda Celeste (de 8 meses de idade) na sua imprudência infantil introduzido na boca um arame em espiral, este lhe escorregou para a garganta onde se fixou, mas de forma tal que se não via, e donde, em mãos inexperientes, era impossível tirar-se. Entretanto, a criança começava a asfixiar-se, tinha já as faces e olhos inchados. A mãe louca de dór, levava-a a casa dum enfermeiro, (único re-

curso desta aldeia) mas não estava em casa. Então, nessa hora de suprema angústia, uma tia da criança prostra-se de joelhos ante uma imagem da SS.ª Virgem e invoca N. Senhora da Fátima! A sua súplica foi atendida! a criança, sem outro auxilio, expelle o arame e depois estende os bracinhos para sua tia a quem sorri. E hoje encontra-se bem disposta.

Devo acrescentar que nesse dia tínhamos celebrado uma pequena festa em honra de SS.ª Virgem da Fátima, e essa senhora e outras tínhamos recebido a Sagrada Comunhão.

Que estas graças se tornem conhecidas para avivar a fé de nossos irmãos para com tam boa Mãe.

Bemposta do Douro

Ana Maria Guerra.

— Dorlinda Marques, da Ribeira de Frades, há 6 anos que andava em tratamento médico. Por fim, desenganada dos médicos que a declararam tuberculosa chamou por Nossa Senhora, e agora sente-se completamente boa. Cheia de gratidão agradece publicamente a Nossa Senhora.

— Justina Maria, de Bemquerenças, agradece a cura duma doença grave que há dois anos a flagelava. Esteve a morrer, recebeu os sacramentos e assim preparada esperava a cada momento partir. Entretanto começou a dar-lhe a beber água da Fátima rezando ao mesmo tempo por ela, e Nossa Senhora houve por bem dispensar-lhe seu auxilio.

— Maria da Piedade Vasco, agradece a Nossa Senhora a cura de diversas doenças que lhe martirizavam a vida. Andava continuamente cheia de pontadas e tosse fortíssima. Os medicamentos de nada valiam, de maneira que resolveu oferecer a Nossa Senhora uma novena de Comunhões e outros votos e agora sente-se curada.

— Virginia Pereira, de Lamego, agradece a Nossa Senhora a cura que obteve por sua intercessão, porque sofria do estomago há muitos anos. Agora sente-se perfeitamente curada. A mesma agradece o desaparecimento dum quisto de que estava para ser operada. Por intermédio da mesma criatura alcançaram de Nossa Senhora duas graças importantes os Srs. José Seabra e Manuel Pinheiro Guedes, mediante a promessa de se confessarem, — o que já fizeram e agora sentem-se felicíssimos com a saúde no corpo e na alma também.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NO BRASIL

IV

O dia 15 de Agosto de 1930 assim como ficou memorável na história religiosa do Colégio Nobrega, assim também fôra, piedosa família houve para quem esse dia, se por um lado evocará tristes e sentidíssimas memórias, não deixará por outro de constituir um marco indicador do primeiro elo de uma nova cadeia de sucessivos benefícios de Deus N. Senhor e da Mãe benditíssima sob o auspicioso título de N.ª Senhora do Rosário de Fátima. Desde a noite de 13 que D. Emilia Lacerda de Menezes, em consequência de um laborioso parto cujo fruto felizmente se salvou, depois de ter perdido seu esposo vitimado por um implacável tifo, estava positivamente agonizante sem esperança humana de se poder salvar. As 1 h. da noite fizemos na nossa Capela com a possível pompa a inauguração solene da nova imagem de N.ª Senhora de Fátima. A Capela estava literalmente cheia. Houve escolhidos cânticos, pregação acomodada e Bênção do SS.ª. Já prestes a findar o acto, um dos nossos Padres, que dedicada e piedosamente vinha assistindo à prolongada agonia da supra-mencionada Senhora, pede-me que a recomende às orações dos fiéis ali reunidos, pedido que acto continuo teve a sua realização, elevando todos em unisono uma ardente e confiante prece até ao trono de N.ª Senhora de Fátima, dando-lhe ensejo de assim solenemente evidenciar o seu poder comunicado sobre a vida e a morte, e mais que tudo o seu desvelado amor para com os que sofrem. O primeiro efeito deste pedido reconheceu-o bem depressa lá em casa a doentinha quando ao sentir os ameaços de violenta crise nervosa que muito naturalmente lhe poderia ser fatal, vê no mesmo instante contra toda a expectativa entrar-lhe no quarto o médico que lhe pôde assim prestar o indispensável auxilio. Continuaram-se as preces por esta intenção na Capela e fôra, e a família em casa fazendo repetidas e ininterruptas novenas com o uso ao mesmo tempo da água milagrosa, e, se bem que lentamente, a doentinha foi constantemente melhorando, sentido paralelamente e como que apalmando a acção benéfica da incessante intervenção-de N.ª Senhora de Fátima.

Vai longe já o período do restabelecimento, mas como a paciente e piedosa Senhora se compraz em ir evocando a memoria das mais insignificantes minucias das suas ininterruptas melhoras! No primeiro período sentindo apenas sem, privada da fala, poder externar com palavras o que lhe ia na alma. Lá estava nos designios amorosos da Mãe bem-dita mar-

cado o momento em que à cristãmente resignada doentinha foi dado voltar também ao uso da fala. E que viva conserva ela tão sensacional lembrança com uma circunstância que com grato prazer se compraz em pôr bem em destaque, a de serem as primeiras palavras dirigidas a sua filhinha que por especial designio da Providência junto dela veio fortuitamente para lhas acolher, mais que nos ouvidos, no coração, como dos lábios ao coração da mãe também baixaram para nele, como em cofre seguro, permanecerem para eterna memória de tão assinalado beneficio. Honra e glória e acima de tudo filial amor sejam por toda a parte e sempre tributados à Mãe carinhosa que de Fátima estende até nós aqui tão longe os influxos do seu maternal carinho!...

V

A pedido de um amigo fui visitar um cavalheiro que, vítima, há já vários anos, de graves padecimentos, faltando-lhe a coragem para assim continuar a sofrer, ora dava livre curso a tetricos pensamentos de suicidio, ora, no auge da impaciência, se saía com imprecações e blasfémias que faziam arrepiar os cabelos. A isso era levado tão somente pelo excesso das dôres, pois fora dessas crises, seus sentimentos eram inteiramente outros, como me tinham informado e eu pude facilmente verificar logo à primeira entrevista.

Incuteu-lhe sentimentos de resignação e conformidade com a vontade de Deus, que por si mesmos muito lhe suavizaram os sofrimentos, procurei levantar-lhe o animo com a ideia do prémio que tudo lhe seria vantajosamente compensado.

Da bondade e generosidade de N.ª Senhora a conversa descaiu muito naturalmente nos mesmos iminentes predicados de N.ª Senhora em todos os tempos e para com todos os povos, mas muito particularmente em nossos dias, e nomeadamente para com os portugueses, tanto os que ainda perseveram na occidental praia lusitana, como os que há mais ou menos tempo, transpando os mares, fizeram do Brasil um vastissimo prolongamento de Portugal. Narrando-lhe as aparições de Fátima e algumas das maravilhas por N.ª Senhora aí e mesmo cá operadas era sumamente consolador o vêr e quasi apalpar a transformação que sensivelmente se ia operando naquela natureza até ha poucos instantes cansada de sofrer e agora já animada e confortada por uma esperança nova de vir talvez a ser objecto dos carinhos de tão boa Mãe. Nem foram frustradas as suas esperanças.

Assentou-se logo que no dia seguinte eu voltaria para o confessar e dar-lhe a Sagrada Comunhão, que recebeu com reais mostras de sensível devoção. Aproveitei tão excelentes disposições para lhe levantar o espirito e exortá-lo à confiança em N.ª Senhora de Fátima cuja novena lhe deixei, bem como um frasquinho da prodigiosa água, aconselhando-lhe que em qualquer das antigas crises, se por ventura lhe sobreviessem tomasse como lenitivo umas gotinhas dentro de um copo de água. Fiel a todas estas indicações, não só nunca mais voltou aos antigos excessos, mas, sem deixar de desejar que N.ª Senhora o chame para o descanso, mostrasse cristãmente conformado com a Sua Santíssima vontade, primeiro efeito bem manifestado da benéfica intervenção de N.ª Senhora de Fátima. Maior surpresa porem ainda o esperava, e que grandemente maravilhou a todos que, ou a presenciaram (como os da família), ou dela tiveram conhecimento por informação da mesma. Foi o caso que 3 dias depois, às 11 h. da noite, sentindo que algo o incomodava na gengiva, com uma tesoura de unhas (único instrumento que encontrou à mão) tanto fez que conseguiu extrair uma lasca de raiz ocasionadora do mal estar, determinando porém consequentemente uma tal hemorragia que nem elle, nem as filhas de quem se pretendeu valer, nem os vizinhos chamados em auxilio apesar do adeantado da hora, puderam estancar. No auge da aflição chegaram a tocar para a Assistência que só fez aumentar a angustia com a resposta de não poder naquele momento intervir. Tudo designios da Providência divina para mais evidenciar a maravilhosa intervenção de N.ª Senhora. Só então, como recurso extremo, se lembra sua filha de valer-se da água de N.ª Senhora de Fátima. Humedece no bocal do frasquinho uma mecha-zinha de algodão em rama e com um palito a leva ao lugar donde ainda em fio corria o sangue; e, o que a nada até ali tinha cedido, àquele simples contacto cessa instantaneamente, sem correr nem mais uma gotinha, e, para mais realçar ainda o prodigio, o algodão que aí fôra introduzido, a-pesar do muito sangue de que a boca estava cheia, alvo como entrou assim permaneceu sem uma minima mancha que lhe tirasse ou diminuísse a alvura. Bem haja tão boa Mãe que com seu exímio poder aproveita ocasiões como esta para ser a verdadeira «Consoladora dos aflitos» a quem os beneficiados não cessam de render os mais entusiasticos louvores, tributo da mais filial gratidão.

VI

Com uma perigosa e dolorosissima infeção intestinal jazia presa ao leito D.

Eugenia Miranda, que, além da qualidade da doença inspiradora de sérios cuidados sobretudo em países quentes, tinha contra si a já assás avançada idade menos apta para resistir às violentas crises que soem acompanhar a dita doença.

Sem descuidar os socorros médicos, uma das filhas achou mais seguro valer-se dos do alto e, debulhada em pranto vem à nossa Capela implorar com fervor a protecção de N.ª Senhora de Fátima. Obtem a novena a que ali mesmo dá principio ante a devota imagem e a vai depois repetir em casa com os restantes membros da família, dando ao mesmo tempo à doente umas gotinhas de água milagrosa. Isto foi perseverantemente repetido sem cessar e acabou por conseguir o que desejava, ver sua mãe livre de perigo e não muito depois em franca convalescença. Piedosa como é a boa Senhora pediu e recebeu amfidadas vezes o conforto dos Santos Sacramentos, auxiliar poderoso sem dúvida para tornar mais rapidamente eficaz a acção benéfica de N.ª Senhora de Fátima.

VII

Maria Amélia Pires de 14 anos de idade começou não há muito tempo ainda a sentir uma inflamação na espinha dorsal que dia a dia lhe ia aumentando sensivelmente o mal estar. As dôres cada vez mais intensas iam subindo desde a região ilíaca até à altura da omoplata, mal podendo já a doentinha executar sem grandes dôres qualquer movimento de pé, quanto peor sentada ou deitada. Qual não foi o susto do desvelado pai quando à vista dos simples sintomas externos verificou, além do avolumado inchaço muscular, uma pronunciada curvatura da espinha de mais de 5 milímetros para a direita do seu eixo vertical.

Preguntando-se a si mesmo na sua ansiedade o que faria, hesitou em confiar sua filha aos médicos que lhe exigiram uma fortuna para muito provavelmente lhe acelerarem a fatal deslance. Como pai genuinamente cristão e ardente devoto de N.ª Senhora de Fátima a ela correu ansioso e confiante em busca de remédio.

Morador a pequena distância do Colégio Nobrega, vem pressuroso ao mesmo solicitar uma novena de N.ª Senhora conjuntamente com um frasquinho de sua milagrosa água.

Ao passo que com toda a família vai fazendo a novena, vai por ocasião da mesma dando à doentinha umas gotinhas do precioso liquido. O prémio da sua fé recebeu-o mais cedo que esperava. Estão apenas no 4.º dia da novena e com que surpresa não reconhece a filha que as dôres por completo desapareceram, o pai que a pronunciada curvatura da espinha retomara o seu primitivo aprumo, não restando de tão molesto e assustador incómodo mais que uma ligeira protuberancia muscular que nada affectava a doentinha tão prodigiosa manifestamente beneficiada pela Mãe benditíssima, N.ª Senhora de Fátima!... Após tal verificação, se com fé veio a abençoada família pedir a eficaz protecção do céu, com que sentimento de profunda gratidão não correu a mesma ante a imagem da Senhora a prestar-lhe o seu tributo de reconhecida homenagem com a assistência ao Santo Sacrificio e um fervorosa Comunhão colectiva!... De então até agora não mais reapareceram tão assustadores sintomas, donde com razão se pode concluir a definitiva e radical eficacia de tão prodigiosa intervenção. Mil graças e louvores sejam dados a tão boa Mãe que assim se compraz em tão mais avilhosamente demonstrar que é realmente Ela a verdadeira «Saúde dos enfermos».

P.ª João de Miranda, S. J.

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA NOS AÇORES

A Voz da Fátima, piedoso e lídimo pregoeiro da Glória da nossa Terra, não se dedignará de dar guarida a uma pequena noticia sobre o culto de Nossa Senhora de Fátima nos Açores. É uma voz de longe, mas tão forte e tão fervorosa e tão portuguesa como as que sem cessar rezam na bendita Cova da Iria.

Foi no dia 13 de Maio p. passado, em Santo António do Monte, freguesia da Candelaria da Ilha do Pico. No mesmo dia em que todo o Portugal afluíu à Cova da Iria a fazer a Nossa Senhora uma apoteose raras vezes presenciada na terra, na pequena aldeia de Santo António do Monte, da Ilha do Pico, inaugurava-se comovidamente o culto de Nossa Senhora da Fátima. A linda Imagem foi benzida por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José da Costa Nunes, venerando Bispo de Macau, figura de invulgar prestigio no Episcopado Português, e que presentemente se encontra em descanso na sua terra natal — Candelária do Pico.

A procissão das velas em que tomou parte Sua Ex.ª Rev.ª, foi uma tocante manifestação de fé e amor. Cantava-se e chorava-se.

Ao entrar na linda Igreja o Avé

redobrou de entusiasmo e calor, à vista do pequenino sacramento! Eu tenho assistido já a muitas procissões de velas. É uma novidade para os Açoreanos, e que se casa bem com o seu temperamento melancólico e piedoso.

Resultam sempre destas procissões, comovidas manifestações de fé.

E, mercê desta sementeira de entusiasmos, o culto de Nossa Senhora da Fátima nos Açores vai tomando proporções consoladoras e que não são apenas um fervor estéril e momentâneo. Há vida religiosa, íntima e sincera nestas solenes manifestações da incomparável fraternidade cristã.

Foi assim a procissão das velas em Santo António do Monte da Candelária do Pico, nos Açores! A festa solene celebrou-se no Domingo seguinte, para maior comodidade, pregando com a competência e calor da sua alma de apóstolo o Rev. Pároco P. João V. Xavier Madruga e assistindo o Senhor Bispo de Macau. A aquisição da famosa imagem de N.ª S.ª da Fátima deve-se aos esforços da Ex.ª Sr.ª D. Laureana de Castro Neves, irmã do saudoso e falecido Bispo de Macau, D. João Paulino de Azevedo e Castro.

Acerte, Sr. Director, esta humilde e pequenina quota de água espiritual do mar dos Açores que vai juntar-se ao mar imenso de almas que em Fátima não cessam de rezar.

Voz da Fátima

Despesa	
Transporte	269.215\$74
Papel, composição e impressão do n.º 106	5.810\$60
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, fretes, etc.	1.551\$15
Com a administração em Leiria	284\$00
Total	276.861\$49

Donativos desde 15\$00 — Porfírio Gonçalves—Lisboa, 15\$00; Deolinda Charters—Lisboa, 50\$00; P.º António J. Ferreira—Madeira, 200\$00; José Porfírio da C. Jardim—Madeira, 20\$00; José Moreira Lopes—Lagares, 20\$00; P.º António J. Ferreira—P. de Varzim, 60\$00; P.º Augusto T. Soares—Açores, 20\$00; Maria J. de Andrade—América, 22\$00; Distrib. na Ermida da Fátima—Madeira, 107\$00; Maria do C. Ol. Machado—Açores, 15\$00; M.ª C. Soares—Açores, 25\$00; M.ª do Carmo Tavares—Lisboa, 15\$00; C.º Ant.º P.º Pinto—Paradela, 20\$00; Distrib. em S. Cruz do Douro, 93\$50; M.ª Baptista L. Piedade—V. do Conde, 25\$00; Ernestina Cortez Lapa—Barcelos, 20\$00; José dos Santos—Coimbra, 15\$00; Jesuína Aug. Vieira—Açores, 20\$00; M.ª Leonor Tomé—Cedovim, 20\$00; Distrib. em Pardelhas, 97\$00; Casa Sameiro—Oleiros, 30\$00; P.º António M. Parreira—S. Eulália, 60\$00; Distrib. em S. Pedro de Faro, 50\$00; Dist. em Sever do Vouga, 30\$00; Missão de Landana (212\$00 angolares); Brazilina Junqueira—Brazil, 15\$00; P.º António Roliz—Macau, 375\$00; M.ª Joaquim Roliz—Macau, 375\$00; Luís A. H. Neves—Vila de Rei, 20\$00; Distrib. em Foz do Douro, 260\$00; Domingos Silva Ferreira—Foz do Douro, 20\$00; Delina M. Fernandes—F. do Douro, 20\$00; Rosa Martins V.—Meadela, 20\$00; Elisa da C. e Silva—F. do Douro, 20\$00; J. de Almeida—França, 30\$00; P.º Joaq. M. Simões—Sousel, 50\$00; Ant.º C. de Oliveira—Matosinhos, 20\$00; Maria H. Rigo—Benavilla, 20\$00; António dos S. Batalha—Sousel, 20\$00; Luísa Ricoca—Ilhavo, 20\$00; Manuel Ratola—Ilhavo, 50\$00; António F. Saragaço—Fornos, 50\$00; Emília Bonharde—Porto, 20\$00; Rosa F. Machado—Porto, 50\$00; Maria Vidal—Aguada, 80\$00; Alice M. Osório—Açores, 20\$00; Joana Serena—Ilhavo, 150\$00; Maria Carlota—Ilhavo, 30\$00; Maria Andrade—América, 22\$00; Maria C. Peixe—Ilhavo, 20\$00; Ana Ang.ª de Oliveira—Evora, 20\$00; Distribuição em Cabeço de Vide, 25\$00; Joaquim da S. Carvalho—Vagos, 95\$20; Distrib. em Paços de Ferreira, 50\$00; Isabel de Almeida C. P.ª—Lisboa, 20\$00; Manuel de Oliveira—América, 20\$00; Maria P. Rosa—América, 20\$00; Distribuição em S. Tiago de Almada, 50\$00; Doentes do Sanatório Rodrigues Semide—Porto, 32\$50; Distribuição em Obidos, 25\$00; Distribuição em Setúbal, 100\$00; Carmina Calixto—Ilhavo, 20\$00; Distrib. no Colégio de Cucujães, 85\$00; Distrib. em Pardilhó, 50\$00.

Esmolas obtidas em várias igrejas quando da distribuição de jornais: Na igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, nos meses de Junho e Julho, pela Ex.ª Sr.ª D. Maria Matilde da Cunha Xavier, 47\$65; na igreja de S. Mamede, em Lisboa, nos meses de Maio e Junho, pela Ex.ª Sr.ª D. Laura Gouveia, 20\$00.

Este número foi visado pela comissão de censura.

AVISOS

— O preço anual da assinatura da *Voz da Fátima* são 10\$00 para Portugal e colónias e 15\$00 para o estrangeiro.

— Como os Ex.ªs Srs. Assinantes e leitores viram, em Maio último, aumentou o formato do Jornal, e por conseguinte aumentaram as despesas, com poderão ver nas contas no mesmo jornal publicado. Porém, o preço da assinatura ficou sendo o mesmo, de maneira que muito se agradece qualquer esmola que a esta administração seja enviada para que a *Voz da Fátima* possa continuar a ser publicada e sempre em grande tiragem.

SERÁ VERDADE QUE NÃO TENS FÉ?

E esta uma objecção que a cada passo nós vem ter aos ouvidos.

Para se desculpar ou dispensar de praticar a religião há muita gente que diz: «não tenho fé»

Mas... será verdade que não tens fé? Haverá incrédulos convictos e será tu um deles?

— Que muitas pessoas se dizem incrédulas e assim se apresentam, é negável. Às vezes uns rapazelhos, uns colegiais há pouco escapados da escola que se apresentam como incrédulos. Nada estudaram, nada examinaram. Atiraram apenas ao chão com um peso que os esmagava, que lhe pesava enormemente sobre a consciência.

Cavalos fugidos, transfusas da moral, mais que do dogma. Não se pergunta por convicção onde há apenas apetites e paixões. São apenas uns fanfarrões da impiedade que se fazem peores do que na realidade são, que afectam desdém pela religião para afirmar a sua independência. Não merecem ser tomados a sério.

— Entre os homens maduros que se proclamam incrédulos e procedem como tais, haverá centenas e até milhares cuja irreligião é puramente superficial. Umas vezes é a ambição, outras é o medo que os leva a uivar como os lobos e a proclamar o seu livre pensamento.

Ficariam embaraçados se se lhes pedisse que justificassem com argumentos sérios a sua falta de crença. Simples poltrões que não tem coragem de resistir à corrente, ou vulgares arrisvidas para quem o sucesso tem a primazia sobre a consciência.

A verdade é esta: um grande número de pessoas são incrédulas apenas por fóra, à superfície.

— Mas haverá incrédulos sinceros e convencidos a quem as qualidades de espírito, os seus talentos, a sua idade parecem dar direito de serem tomados a sério?

Parece-me poder afirmar que há bem poucas... e para o provar apelo para o testemunho da morte e para o da sua consciência.

1.º A morte é a grande reveladora dos corações. Ora, quantos que se dizem espíritos fortes, chegados a esse momento terrível não tem a coragem de sustentar as suas pretendidas convicções?

A sua incredulidade postíca desvaneceu-se e a sua fé que apenas estava adormecida aparece como por encanto. Chamam um sacerdote e estão em aflição enquanto não recebem os sacramentos. Algumas vezes retratam elegante e publicamente todo um passado sem religião e algumas vezes morrem desesperados se alguém véda a entrada ao ministro de Jesus Cristo. Os exemplos abundam.

Voltaire, o príncipe dos incrédulos, na perspectiva de comparecer diante de Deus, mandou chamar o Padre Gauthier para se confessar. Mas os seus péssimos amigos Diderot e d'Alembert, apõem-se à visita do sacerdote e Voltaire morre num tal acesso de desespero que os seus médicos declararam nunca ter visto nada tão medonho.

Cinco anos depois, o mesmo d'Alembert expirava punido do mesmo modo. Tinha ele dito a Diderot: «se assistires à minha morte não deixes entrar nenhum sacerdote para junto de mim». Chegada aquela hora suprema e d'Alembert arrepende-se e supplica ao seu amigo que não cumprisse aquela antiga ordem.

Diderot foi inflexível. «Se não estou lá, dizia ele, d'Alembert roia a corda».

O ímpio Toussaint, no seu leito de morte, retrata os escândalos e a sua vida e recebe com fervor os últimos sacramentos. «Atesto diz ele, diante de Deus que eu vou receber e diante de quem vou comparecer que se pareci pouco cristão nas minhas acções e nos meus escritos, não foi nunca por convicção».

Laplace, depois de ter pendido para a incredulidade durante toda a vida, cha-

ma à hora da morte um sacerdote e recebe piedosamente o sagrado viático e a extrema-unção. A céptico Volney, ameaçado por uma tempestade no mar, recita devotamente o terço com os outros passageiros.

«Uma coisa (diz ele) é filosofar no gabinete de trabalho e outra estar em alto mar açoutado por uma tempestade».

Dupuytren, uma das maiores celebridades médicas do último século, depois de ter vivido como materialista, quiz morrer como cristão tendo-se confessado e comungado, piedoso como uma criança, entre os braços de um humilde sacerdote de aldeia a quem ele antigamente tratara e de quem ficara amigo.

Nos *Estudos* de fevereiro de 1902, M. Pedro Suan conta a respeito de Victor Hugo a seguinte anedota que fez o giro da imprensa: «um antigo actor, grande admirador de Victor Hugo e amigo do seu criado de quarto, foi admitido a ver o poeta uma hora apenas antes de morrer. Ficou surpreendido com a sua expressão de angústia terrível e desesperada, manifestada na sua face e na crispção das suas mãos de moribundo. «Mas em que estado ele está! diz ele ao criado de quarto, Ah! senhor, respondeu este, no momento de morrer, M. Vitor Hugo levantou-se com um ar desesperado, mãos crispadas e gritou duas vezes: «um padre! um padre!» O actor retirou-se comovido e diz a sua filha: «Eu não quero morrer assim. Quando eu estiver doente, tu irás chamar o P.º Mousabré». E ajuntou: «eu não desejaria que isto se divulgasse, mas é o mesmo, é horrível». Não posso garantir a veracidade desta anedota. O que eu posso dizer somente é que ela foi contada pouco depois da morte de Victor Hugo pela filha do actor a uma pessoa que ma contou, dando-me nomes e detalhes que eu por descrição omito. O actor já morreu e a filha habita em Paris onde casou em 1894. Nada me permite duvidar da sua perfeita veracidade».

Poderíamos prolongar indefinidamente a lista de pessoas que à hora da morte deixaram a incredulidade que professavam.

Não, não existem muitos incrédulos sinceros e convencidos.

2.º — Apelo agora para o testemunho da sua consciência. Seja como fór e digam o que disserem, o que é certo é que o incrédulo, em certas horas, não pode furtar-se à preocupação do problema do além, devorado pelo tormento do sobrenatural, em germen na sua alma pelo baptismo. É célebre o dito de Musset: «A-pesar-de eu não querer, o infinito me atormenta e eu não posso pensar nele sem perturbação e sem esperança...»

Um livre pensador gabava-se a Diderot de ter chegado à certeza da não existência de sanções eternas e este respondeu: «Aposto que não és capaz de o provar». E a um dos seus familiares que pretendia ter a mesma certeza Voltaire dizia: «Es muito feliz, eu não tenho tal certeza».

Os renegados fazem todo o esforço possível para se esquecerem do que eles chamam terrores infantis e das superstições deprimentes da religião. Não o conseguem. Ficam inquietos, tristes.

O filósofo Jouffroy contando o fim quasi trágico da sua fé religiosa, diz que lhe parecia entrar numa existência sombria e despovoada. Ele acrescenta: «eu era incrédulo mas detestava a incredulidade.»

Que havemos de pensar de uma incredulidade que produz o mal estar, a tristeza, o desespero? Tenho de dizer que tal incredulidade não tem fundamento, pois que a convicção produz a paz.

No segrêdo da sua consciência, a maior parte dos incrédulos confessam que a sua irreligião não repousa em nada e essa variedade de crenças e falta de convicções torna-os desgraçados. Portanto, se há incrédulos, devem ser em número muito reduzido.

Poderás, pois, tu ser um incrédulo sincero e convencido?

1.º Se isso fosse verdade eu te lastimaria e censuraria.

— Eu te lastimaria porque se não és católico, se não crês na Igreja, em que é que tu poderás acreditar? Na filosofia? Mas o que é a filosofia? Dúvidas, negações, trevas.

Escolherias a religião protestante, o judaísmo, o islamismo, o budismo, a idolatria? E irias escolher ao acaso? Seria pouco razoável isso e virias depressa cair na indiferença ou na abstenção total. Seria pouco glorioso e pouco firme, porque, afinal, os anos avançam, caminhando na vida sem guia e sem luzes para o futuro. Vem o termo fatal, abre-se a cová... faz-se silêncio a teu respeito e a justiça de Deus começa. Arriscar a eternidade? Que aberração! Se fosses, pois, um incrédulo convicto, eu te lastimaria sinceramente.

Além disso eu te censuraria também porque se não tens fé, já a tiveste e devias tê-la conservado. Ela te tem sido oferecida um cento de vezes.

Foi-te dada nos teus antepassados e na tua raça de cristão. Foi-te dada no nascimento e no baptismo. Recebeste-la

nos primeiros anos pelos sacramentos da penitência, da eucaristia, da confirmação e mais tarde no casamento.

Foi-te oferecida em mil impressões, mil convites, mil episódios e atrativos exteriores ou interiores da graça que apenas era necessário seguir.

Desta forma, aquilo que te serve de desculpa é isso mesmo que te acusa. Mas será na verdade incrédulo? Não me parece.

2.º Não é provável. Pelo contrário é bem provável que tenhas fé. O que pode estar solapada, não ousa mostrar-se ou não tem coragem de se traduzir em actos.

— Em muitos homens ela está latente, escondida, adormecida, mas não está morta. O que é estranho nêles é a incredulidade.

A-pesar-de se pensar que ela está de posse do campo por uma longa posse, não pode prescrever contra a fé contra os seus títulos imortais, contra o nosso amor inato pelas verdades santas. A incredulidade para muitos é menos a morte de que o sono da fé, cujo acordar tem às vezes lugar dum maneira tão inopinada a tão súbita. Não é pois provável, que sejas um incrédulo convicto.

— Pode também ser que não ouses mostrar a fé que tens, o que hoje não é raro.

Os tempos estão difíceis para os cristãos. Tudo lhes é recusado ou regateado: os logares, as honras, o sucesso, a popularidade, a própria liberdade.

Que fazer? Ocultar-se, abster-se, tomar ares de anti-clerical.

Muitas pessoas dizem: «Não tenho fé». Mas deveriam dizer se fossem sinceros: «tenho medo de manifestar a minha fé». Não será a tua incredulidade apenas a máscara para te impores à galeria.

Poderá, pois, ser que a tua fé não tenha coragem de se traduzir em actos, ir até às suas consequências.

Eu me explico. Decerto acreditadas em Deus. Não pode ser de outro modo. Custar-te-ia, porém, adorá-lo, agradecer-lhe, orar, pedir-lhe perdão, ajoelhar-vos no seu templo. Tens fé mas falta-te a coragem de a praticar.

De certo acreditadas na alma nem dúvidas da sua espiritualidade, da sua liberdade, da sua responsabilidade, nem da sua imortalidade. Custar-te-ia, porém cuidar dela, preservá-la, purificá-la. Custaria evitar o mal e fazer o bem, humilhar-te e levantar-te depois das quedas.

Acreditadas na Igreja Católica (é claro). Se tiveres um negócio embrulhado acreditadas no que te diz o notário ou a advogado. «Faça isto» e tu faz-lo porque acreditadas na sua probidade e saber.

Ora o Papa, os Bispos, os sacerdotes, em matéria espiritual, não merecem, com certeza, menos confiança.

Mas como a Igreja te manda coisas difíceis, laboriosas, cruciantes tais como o jejum, a abstinência, a confissão dos pecados, custa-te obedecer. A coragem é que te falta. Não és incrédulo mas um cristão inconsciente, tímido perante a opinião dos outros ou fraco perante ti mesmo. Esta é que é a verdade.

Pai criterioso

«Um pai vendo a filha pronta, para, com um belo vestido branco, assistir a uma reunião numa sociedade duvidosa, mostrou-lhe as inconveniências de tais reuniões e fez-lhe ver os perigos e seducções a que se expõem os que aí vão».

As sérias objecções do pai, a filha respondeu:

— Não me farão mal!

O pai, tomando um carvão, apresentou-o à filha e, como ela recusasse a pegá-lo, com recelo de manchar as luvas brancas, lhe disse:

— Pega, minha filha, não te queimará.

— Sim, não me queimará, mas enegrecer-me-á as luvas brancas.

— Pois assim — disse o pai — te acontecerá na sociedade aonde pretendes ir. Com certeza, não te perderá logo, mas exercecerá uma má influência sobre a tua alma.

Outro tanto, acrescentamos, sucederá com os bailes, teatros e divertimentos nocivos, que trazem, algumas vezes, fatais consequências, e que são outras tantas minas de carvão a enegrecer-nos a alma e a ser, muitas vezes, causa da ruína do nosso corpo.»

UMA LIÇÃO

Certo soldado, depois de vários anos de serviço, voltou para a casa paterna. Chega o primeiro dia santo.

— José, diz-lhe a mãe, vens comigo à missa?

— Eul ora...! deixe-me cá. Olhe, minha mãe: eu tenho viajado muito, estive muito tempo em Lisboa e no Porto, etc., e aprendi por lá muitas coisas, adquiri muitos conhecimentos que a gente cá da aldeia não sabe. Eu acho-me já bastante instruído, para estar agora para aí a rezar, como fazem os beatos.

— De modo que quem já esteve em Lisboa, não tem mais precisão de pensar em Deus?

— Não é bem isso, minha mãe, mas... rezar, para quê? Olhe, assim, como assim, o que tiver de me acontecer há-de acontecer, e por isso é inútil estar a pedir e a incomodar a Deus.

— A mãe não respondeu e partiu só para a missa. Voltando a casa não preparou nada para o jantar. Chegou a hora da refeição e a mesa estava vazia.

— Como é isto, mãe? Vamos hoje jantar fóra?

— Não.

— Mas... não vejo nada na mesa!

— E' porque... emfim... as tuas reflexões de há pouco, fizeram-me compreender melhor as coisas do que até agora; estou mais frustrada, como tu. Eu dei-te estas contas: para que hei-de eu fazer o jantar? Assim como assim, meu filho, se tiver de comer hei-de comer, e se não tiver, também escuso de me cansar. Já vês que as tuas doutrinas me aproveitaram.

O filho desorientado compreendeu bem a lição e logo a pôz em prática, dizendo para a mãe: prepare o jantar, que domingo vamos ambos à missa.

Padre Nosso...

Um escritor célebre, Frederico Soubie, estava à morte. Educado fora da religião, nem o *Padre Nosso* sabia. No entanto mandou vir uma religiosa para o tratar.

Ora, uma tarde, ajoelhada à cabeceira do leito do enfermo, ela resava e, alto, dizia: «*Padre Nosso* que estais no Céu...»

Que linda coisa está a dizer (fez notar o doente)! Faça favor de repetir, sim?

E a religiosa voltou a dizer: «*Padre Nosso* que estais no Céu...»

Cada vez mais comovido com estas belas palavras o escritor quis também dizê-las. Pediu à religiosa que o ajudasse e, como uma criança que começa, dizia ele também: «*Padre Nosso* que estais no Céu...»

Pouco a pouco, os sentimentos admiráveis que as palavras exprimiam iam penetrando a sua alma e comovido pediu que o instruissem na religião. Daí a pouco, algumas semanas depois, Frederico morria, tendo recebido os sacramentos nas melhores disposições.

FATIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUIS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5\$00; pelo correio, 5\$70

Este livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses encontra-se à venda na UNIAO GRAFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa, na VOZ DE FATIMA, em Leiria e no SANTUÁRIO DE FATIMA.

Encontram-se à venda no «Santuário da Fátima» e na «Câmara Eclesiástica — Seminário de Leiria», Opúsculos com o Offício Menor de Nossa Senhora da Fátima.

Custam \$50. Pelo correio mais \$15.